

HELENA KOLODY E MIGUEL BAKUN E O CENÁRIO DA LITERATURA E DAS ARTES PLÁSTICAS NO PARANÁ DO SÉCULO XX

Vanderlei Kroin (Doutorando em Letras da Unioeste)

RESUMO

Este trabalho busca trazer um panorama do cenário artístico e literário paranaense do século XX, levantando alguns autores e espaços contribuintes para o desenvolvimento e disseminação da literatura e das artes. Busca-se também salientar, em linhas gerais, as origens e presença, participação e contribuições de dois artistas eslavos-brasileiros, a poeta Helena Kolody e o pintor Miguel Bakun neste cenário. Ainda, elencar alguns trabalhos acadêmicos realizados acerca da obra de ambos, consubstanciando-os como dois importantes artistas e também promotores da modernidade do Paraná.

Palavras-chave: Literatura e artes paranaenses; Modernidade; Helena Kolody; Miguel Bakun.

HELENA KOLODY AND MIGUEL BAKUN AND THE SCENERY OF LITERATURE AND PLASTIC ARTS IN THE PARANÁ OF CENTURY XX

ABSTRACT

This work aims to bring an overview of the artistic and literary scenery in the XX century in Paraná, bringing up some authors and spaces that contributed to the development and dissemination of literature and arts. We searched, as well, to point out the origin, the presence and the participation of two Slavic Brazilian artists, the poet Helena Kolody and the painter Miguel Bakun in this scenery. Also, to list some academic efforts regarding their works, showing their artistic importance in promoting modernity in Paraná.

Keywords: Literature and arts in Paraná. Modernity. Helena Kolody. Miguel Bakun.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo traçar um panorama da literatura e das artes plásticas desenvolvidas em solo paranaense no século XX, apresentando alguns expoentes, escritores, poetas e pintores que contribuíram para com a implementação e/ou consolidação da modernidade em terras paranaenses. Pretende-se, também, apontar alguns espaços criados no estado para a disseminação da literatura e das artes produzidas.

Para exemplificar essa modernidade no Paraná do século XX, o texto ainda foca dois autores nascidos no seio da cultura eslava, a poeta Helena Kolody e o pintor Miguel Bakun e que exponencialmente foram modernistas, mesmo de maneira não engajada. A modernidade de Kolody reside, principalmente pela utilização de versos curtos e o cultivo de poemas sintéticos, como haicais e tankas. Em Bakun a modernidade ressalta-se, prioritariamente pelo seu autodidatismo em pintura.

TENDÊNCIAS MODERNISTAS NA LITERATURA E NAS ARTES DO PARANÁ

No cenário literário paranaense das primeiras décadas do século XX, predominava a corrente literária simbolista, emaranhada ao Futurismo, inspirado em Marinetti. Aflorava-se ainda a essas correntes o Modernismo, tendo como intensa no cenário artístico paranaense o desenvolvimento de uma literatura e uma arte de certa forma ufanista, de afirmação, que se convencionou denominar paranista¹.

Os escritores e poetas mais conhecidos do Paraná das primeiras décadas do século XX foram justamente os simbolistas. Essa corrente estética e literária foi que deu forma à intelectualidade e ao desenvolvimento literário do estado. Entre seus representantes mais conhecidos pode-se citar Dario Vellozo, Emiliano Pernet, Rocha Pombo, Júlio Pernet e Silveira Neto. O movimento simbolista paranaense alcançou visibilidade nacional e se manteve, enquanto grupo, coeso, permanecendo século XX adentro, situando-se lado a lado com outras tendências que surgiam e marcando o ecletismo dentro do cenário artístico no

¹ O Paranismo foi um movimento ou corrente estético-ideológica que tinha por interesse e objetivos exaltar e enaltecer valores locais do Paraná a fim de construir e/ou constituir uma identidade propriamente paranaense, que a diferenciasse de São Paulo e de outras regiões do país. Nas artes plásticas e também na literatura se verifica a presença do Paranismo no retrato de elementos presentes no estado, como o pinheiro (Araucária) e o pinhão.

estado. A estética simbolista e paranista foram combatidas na década de 40 mais ferozmente pelos “jovens” que fundaram a revista *Joaquim*.

Além desses escritores e intelectuais inúmeros outros estavam presentes nesse cenário literário do Paraná e contribuíram para com o desenvolvimento da literatura no estado. Revistas, Centros de Letras e Clubes literários, além de jornais eram os disseminadores do que era produzido em matéria literária e crítica, bem como espaços para se discutir literatura e arte. Nesse período, que vai das últimas décadas do século XIX aos anos 30 do século XX, surgiram alguns espaços importantes para a disseminação da literatura paranaense, entre os quais, “[...] o Centro de Letras do Paraná (1912), o *Club Coritibano* (1890), a revista *O Cenáculo* (1890), *Fanal* (1911-1913), *O sapo* (1892), Academia de Letras do Paraná (1822), Academia de Letras José de Alencar (1939) [...]”. (ZOMER, 2013, p. 46). O Centro de Letras do Paraná, a Academia de Letras do Paraná, (denominada a partir de 1936 de Academia Paranaense de Letras) e a Academia de Letras José de Alencar permanecem em atividade até os dias atuais.

Em relação às artes plásticas foram fundados importantes espaços para o desenvolvimento da atividade de pintura, bem como para exposições e divulgação de obras. Vasquez (2012) em sua tese de doutorado intitulada *O Salão Paranaense e o campo artístico de Curitiba* apresenta algumas instituições que contribuíram para o desenvolvimento das artes plásticas no Paraná, desde as duas últimas décadas do século XIX até a criação do Salão Paranaense de Belas Artes, em 1944 e seus desdobramentos posteriores. Segundo a autora,

Os primeiros registros da produção artística no Paraná, depois dos estrangeiros que retrataram nossa paisagem, referem-se ao ensino ministrado em Paranaguá, pelas irmãs norteamericanas Jéssica e Willie James, que ensinaram a primeira pintora paranaense, Iria Correia. Em Curitiba, a pintura e o desenho começaram a ser ensinados por Mariano de Lima, aqui chegado por volta de 1884, para trabalhar na decoração do Teatro São Theodoro. (VASQUEZ, 2012, p. 26).

O português Mariano Lima, ainda segundo Vasquez, vindo do Rio de Janeiro e depois de acabado o trabalho no teatro, permaneceu em Curitiba, onde fundou em 1886 a *Aula de Desenho e Pintura*, que em 1889 passou a se chamar oficialmente *Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná*. A autora ainda cita as transformações pelas quais a referida escola passou, inclusive com fontes que indicam os rumos que foi tomando. Há os que digam que extinguiu-se devido a dificuldades financeiras e outros que a mesma se manteve, apenas mudou de administradores e de nome.

Em 1909 há a criação da *Escola de Aprendizages Artífices*, em Curitiba. Tal fundação deu por iniciativa do governo federal, que inaugurou escolas de ensino profissionalizante em 19 capitais brasileiras, entre as quais Curitiba. Vasquez explica que esta escola, dirigida por Paulo de Ildefonso, assim como a de Mariano de Lima, eram “[...] voltadas para o ensino de arte como instrumento de preparação para o trabalho [...]”. (VASQUEZ, 2012, p. 32). Com o passar dos anos, a *Escola de Aprendizages Artífices*, que foi inaugurada pelo então presidente Nilo Peçanha, foi tomando novos rumos, renovando-se e tornou-se, depois de possuir outros nomes, a atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Outro artista plástico importante para as artes paranaenses já mencionado anteriormente foi Alfredo Andersen. De origem norueguesa o artista chegou em Curitiba em 1902. Segundo Vasquez (2012), o pintor lecionou na escola de Mariano de Lima e depois em sua própria casa, ministrando aulas de desenho e pintura e por onde passaram inúmeros alunos.

Andersen teve uma participação ativa nas atividades de artista plástico e professor de arte desde que chegou ao estado. Participou da fundação da *Sociedade dos Artistas Paranaenses*, sendo seu presidente. Em 1931 o grupo consegue realizar o primeiro Salão Paranaense, que reuniu grupo considerável de pessoas. Segundo Vasquez (2012) o referido Salão foi aberto dia 3 de novembro de 1931, dia em que Andersen completava 71 anos de idade. A autora ainda cita mais duas edições do *Salão Paranaense*, em 1932 e 1933, sempre com a participação de Andersen, como jurado ou como expositor. Não há mais detalhes sobre a continuidade do Salão, pois os registros em jornais e documentação sobre, se perderam, complementa a autora.

Esta pequena mostra da participação de Andersen no cenário artístico do Paraná vem a evidenciar a influência do pintor no estado. Foi mestre e professor de vários pintores mais novos e é também considerado o “pai da pintura paranaense”. Depois das três edições do Salão Paranaense citadas, demora-se alguns anos para se criar novo espaço de exposição de pintura, o qual é organizado, ainda em redor da figura de Andersen, já falecido, mas ainda com seus ensinamentos correntes nas artes plásticas do Paraná. Depois da terceira edição do *Salão Paranaense* de 1933,

Passaram-se onze anos até que outra iniciativa tivesse êxito. Só em 1944, novamente ao redor o nome do mestre Alfredo Andersen, já então falecido, reuniram-se artistas e intelectuais interessados em fazer acontecer o Salão. Alguns artistas envolvidos com o primeiro Salão aparecem na composição do júri e na organização do evento; Theodoro de Bonna,

Guido Viaro, João Turim. (VASQUEZ, 2012, p. 36).

O referido Salão, com sua primeira edição em 1944, foi também se modificando ao longo dos anos e é realizado até os dias de hoje, sendo atualmente um espaço de divulgação de obras de jovens artistas do Paraná e do Brasil.

Outro espaço oficial criado para promover a disseminação das artes plásticas, bem como da música no estado foi a Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), fundada em 1948 e oficializada como instituição pela Assembleia legislativa do Paraná em 1949². Em 2001, a referida escola passou a integrar a Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), sendo um de seus *Campi* (*Campus* Curitiba I)³.

Estes espaços criados para a disseminação da literatura e das artes no Paraná contribuíram para a consolidação das atividades artísticas no estado. Foram Revistas, Centros, Grupos, Salões, Sociedades, enfim, toda uma gama de iniciativas que expandiram o cenário artístico e cultural, contribuíram para o surgimento de artistas, literatos e pintores, além de promoveram o contato do estado com outras partes do Brasil e mesmo do mundo.

Em menos de cem anos de emancipação política o estado já contava com franco desenvolvimento da arte e literatura. Surgiram vários nomes como Andersen, Viaro, Bakun, na pintura; Leminski, Trevisan, Kolody, na literatura. O Modernismo se instalava no estado, não sem lutas, resistência e controvérsias. Não foi um movimento homogêneo, mas foi se consolidando com o tempo e deixando seus frutos e contribuintes, como os artistas citados.

Desencadeado no eixo Rio-São Paulo, o Modernismo irradiou-se por outros lugares do Brasil, inclusive o Paraná, que ainda não era um centro artístico notório nacionalmente. Deve-se lembrar mais uma vez que o estado não era tão desenvolvido na época, por isso o seu realce e destaque no cenário artístico brasileiro foi o Simbolismo, que foi um movimento de vigor presente no Paraná em fins do século XIX e início do século XX. O Paraná recém adquirira o *status* de Estado e as transformações econômicas, sociais, políticas ocorreram conjuntamente com o desenvolvimento literário e artístico. Muitos dos intelectuais paranaenses do século XX, que atuaram na área de letras, literatura e artes estavam diretamente ligados à política e/ou a cargos públicos.

Deve-se ressaltar ainda que vários artistas, intelectuais, principalmente escritores e poetas que contribuíram ou foram pioneiros no desenvolvimento das artes no estado não

² <http://www.embap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=125>. Acesso em fev. 2017.

³ <http://www.embap.pr.gov.br/>. Acesso em fev. 2017.

eram paranaenses de origem, mas oriundos de outros lugares, inclusive de outros países, como foi o caso dos pintores Alfredo Andersen e Guido Viaro, estrangeiros que foram determinantes no rumo das artes plásticas no estado. No campo literário há outras figuras proeminentes, descendentes de imigrantes estrangeiros que contribuíram para com a literatura e a poesia no Paraná. Cumpre destacar a contribuição dos imigrantes eslavos e seus descendentes, cujas algumas figuras também fizeram parte desse desenvolvimento artístico. Como exemplo se tem os ucrainos-brasileiros Helena Kolody, na poesia e Miguel Bakun nas artes plásticas.

O pintor, autodidata, inovou o perspectivismo nas artes plásticas paranaenses, retratando paisagens dos arredores de Curitiba e de alguns outros lugares, como na tela abaixo, intitulada “Pinheiros e cafezal”, que foi pintada quando o artista visitou a fazenda de um amigo, no Norte do Paraná.



Figura 1 - BAKUN, Miguel. **Pinheiros e cafezal** s.d. óleo sobre tela 70 X 88cm col. Thyrso da Silva Gomes.
Fonte: PINTORES da Paisagem Paranaense. Edição fac similar. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: Solar do Rosário, 2005. (p. 140).

Na tela de Bakun se vê parte de uma plantação de café, vegetal muito cultivado no norte paranaense e interior de São Paulo, além de outros lugares. Pode-se perceber a planta alinhada em fileiras e a terra vermelha, típica da região. Ao fundo há uma cerca de madeira, a delimitar as fronteiras da propriedade e, para além dela, percebe-se a mata, destacando-se alguns pinheiros. O espaço da plantação está delimitado pela cerca, mas circundado de mata aos lados. Ao fundo, o céu mistura-se ao verde da vegetação. É uma pintura de “dentro para fora”, com características expressionistas. O artista não está na mata para registrar o cafezal, mas neste, registrando-o e, como não deixa a natureza de lado, o natural acaba por transparecer na obra.

A perspectiva da pintura dá ênfase ao vegetal. À direita da tela está em primeiro plano o pé de café, com frutos vermelhos, já maduros e folhas. O pintor está embrenhado em meio ao cafezal para reproduzir. Não se distancia, para registrar em panorâmica a extensão do terreno, do tamanho da plantação e dos arredores; ao contrário, aproxima-se, adentra à plantação para verificá-la e a registrar de um ângulo particular.

Assim como outros pintores modernistas brasileiros, por exemplo, Tarsila do Amaral, Candido Portinari, Di Cavalcanti, que registraram a cultura e paisagens brasileiras, trabalhadores, festas, Bakun é também um pintor que se voltou para o local. É um pintor da paisagem paranaense. Embora pouco requisitado à sua época, inovou a pintura paranaense. A ainda chamada “província” do Paraná dava mostras de que em suas paragens, apesar das dificuldades, já se tencionava e também se fazia uma arte moderna, afinal, o Modernismo foi o aval para as experimentações, ao resgate do local, a luta anti-academicista e o sujeito Bakun foi tenaz nessa tarefa, mesmo que inconscientemente.

O cenário artístico paranaense, ainda incipiente nas primeiras décadas do século XX, se comparado à São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, não facilitava e nem propiciava grande destaque para os artistas e desenvolvimento da arte, principalmente a pictórica. Apesar das iniciativas pioneiras de implementação de instituições para o desenvolvimento da literatura e arte no estado, já listadas acima, não havia um mercado significativo de obras e os artistas, em geral, viviam de outras atividades para se sustentar. Em relação à pintura, por exemplo, os espaços destinados às exposições e mesmo a venda de quadros eram poucos. Lojas, antiquários, livrarias, eram geralmente pontos em que se encontravam telas dispostas à venda. Mesmo assim, a procura e o interesse do público não era maciço.

Em se tratando da pintura, segundo Pedroso (apud Périgo, 2003), antes da década de 50 do século XX, além do Salão Paranaense de Belas Artes, os locais citados acima eram

onde frequentemente os artistas podiam expor seus trabalhos ao público. Mesmo o referido Salão foi fundado meio que tardiamente, em 1944 e era o espaço oficial do governo do estado para a exposição de pinturas. Em 1948 foi fundada a EMBAP (Escola de Música e Belas Artes do Paraná), outro espaço formal destinado ao ensino de pintura, música e outras artes.

Em meados dos anos 50 o cenário artístico paranaense estava em vertiginosa transformação: o abstracionismo começava a despontar e tomar corpo nas exposições dos Salões e nas artes plásticas paranaenses deixando o figurativismo, vigente até então, relegado ao segundo plano. Alguns artistas se ergueram contra o academismo presente na pintura desenvolvida no Paraná, lutando para introduzir no estado novos rumos a esta atividade, o que acabaram conseguindo. Surgiram alguns espaços para o desenvolvimento da arte dita moderna. Eram espaços criados por artistas de certa forma descontentes com a estagnação da pintura no Paraná e que procuraram formas de renovação.

Isolados em pequenos grupos e com pouco apoio oficial, os artistas mais abertos às tendências modernistas precisaram engendrar seus próprios espaços sociais de encontros e discussões. Destacaram-se neste sentido, ao longo dos anos 50 o ateliê da artista Violeta Franco – ‘A Garaginha’⁴ – o Centro de Gravura do Paraná e, sobretudo, a Galeria Cocaco. (FREITAS, 2003, p. 96).

A galeria Cocaco, surgida em 1957, foi, segundo Freitas, o mais relevante dos pequenos espaços em que os artistas plásticos e simpatizantes se reuniam para discutir pintura e ter contato com a arte que consideravam moderna de fato. Nas palavras do autor, a galeria Cocaco

[...] disposta inicialmente como uma modesta fábrica de molduras, a loja torna-se galeria em 1957, sob a propriedade de Ennio Marques Ferreira, e é exatamente à sua volta que se cria um autêntico ponto de encontros onde discute-se e vê-se arte, sobretudo aquela arte que à época, e dentro das possibilidades do momento, soava como “moderna”. (FREITAS, 2003, p. 100).

Segundo Freitas, (2003), reproduzindo depoimento de Fernando Velloso, a “Garaginha”

⁴ A “Garaginha” era um ateliê pertencente à artista plástica e gravurista Violeta Franco (1926-2006). Tal ateliê foi montado em uma garagem na casa dos avós de Violeta, por isso tal designação de “Garaginha”. Também era um espaço onde os artistas se reuniam para debates sobre a arte moderna no Paraná. Fernando Velloso, Alcyr Xavier, Loio Pérsio, Paul Garfunkel, Nilo Previdi eram alguns dos que frequentavam o referido ateliê.

era o ateliê de Violetinha [Violeta Franco], mas que passou a ser o ponto de encontro de intelectuais, de artistas, de pessoas que passavam por aqui como Mário Cravo. (...) Sérgio Milliet também esteve e uma série de outras pessoas que traziam luzes à escuridão, porque volta e meia vinham e conversavam, e mostravam o que faziam. (...) Alguns amigos também (...) passaram a frequentar aquele local onde a gente tinha um coquetelzinho e todo um charme, porque o chão e as paredes eram forradas de esteira – que era uma coisa absolutamente escandalosa para a época – e a gente ficava descalço e sentado no chão em almofadas; tudo isso era um clima muito agradável, muito interessante e diferente de Curitiba. (VELLOSO apud FREITAS, 2003, p. 96).

Outro espaço importante criado em Curitiba para debate e disseminação da arte moderna, conforme já apontado acima foi o *Centro de Gravura*. Ainda segundo Freitas (2003) tal Centro foi criado em 1951 e surgiu de um clube de gravura já existente. Teve duração de vinte anos, sendo dirigido neste tempo por Nilo Previdi. Segundo o crítico de arte Nelson Freitas, o Centro de Gravura

[...] Consistia numa instituição artística de utilidade pública e sediada autonomamente nos “porões” da EMBAP. A origem do Centro está vinculada à atuação e à influência de Carlos Scliar no Paraná, desde fins dos anos 40, tendo resultado na formação de um Clube de Gravura do Paraná, cuja existência relativamente breve deu início ao Centro [...]. (FREITAS, 2003, p. 96).

Estes espaços criados para consolidar, implementar ou dar maior evidência à tendência moderna da arte no Paraná, a exemplo do que já ocorria em outros centros do mundo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa são o que Freitas denomina de espaços “antiacadêmicos”, cujo maior propósito era reformular o Salão Paranaense de Belas Artes (SPBA), criado em 1944.

Na década de 50 a arte acadêmica (poder-se-ia dizer, figurativa), dos Salões, a que era até então exposta e apresentada nos Salões de Arte da capital paranaense vinha sofrendo críticas e o espaço estava-se abrindo à arte moderna (abstrata) e, conforme já dito anteriormente, mais no final dessa mesma década, entraria mais incisivamente em cena a tendência pictórica abstrata, o que viria a desencadear intensos debates e “rusgas” entre os acadêmicos, pintores figurativos, os assim denominados paranistas, pintores das “paisagens paranaenses”, discípulos da escola de Andersen e os caracterizados como modernos, que pregavam mudanças no rumo das artes plásticas.

Este embate dicotômico moderno/acadêmico, aliás, vinha desde o primeiro Salão Paranaense, de 1944, mas foi se acentuando ao longo dos anos subsequentes, até de forma

natural mesmo, porque o estado foi crescendo, foram surgindo vários artistas que tiveram oportunidade de estudar fora do estado e também na Europa, e, ao terem contato com outras perspectivas e corrente artísticas, trouxeram novidades às plagas paranaenses e foram modificando a arte da pintura. Além disso o próprio espaço cultural e artístico paranaense foi estreitando laços com outros centros do Brasil e do exterior. Havia já os veículos de comunicação que faziam essa ponte, as relações se afinavam, o que contribuía imensamente para com as mudanças que se concretizavam.

Em relação aos Salões de artes plásticas realizados no Paraná a partir de 1944, destaca-se o XIV Salão Paranaense ocorrido em 1957, que ficou conhecido como o “Salão dos Pré-julgados.” Tal alcunha e repercussão ocorreu em razão de o júri do referido salão premiar apenas obras de caráter acadêmico, o que alvoroçou e causou revolta em pintores que já desalinavam dessa tendência. Este era o caso de Paul Garfunkel, que, na oportunidade rasgou a menção honrosa que havia recebido e, seguido por outros artistas, retirou seus quadros da exposição. Vasquez (2012), assim discorre sobre o referido Salão:

Essa foi uma edição conturbada. Segundo os jornais da época, o ânimo dos artistas esquentaram-se depois que foram conferidas premiações apenas aos artistas de inspiração mais conservadora ou acadêmica. De acordo com o regulamento do Salão, a comissão julgadora deveria ser composta por pelo menos um jurado familiarizado com a arte dita “moderna”, para que se pudesse julgar as obras inspiradas por essa tendência. Ao que parece, no entanto, a comissão julgadora não contemplou essa exigência do regulamento, o que acabou favorecendo os pintores mais acadêmicos. (VASQUEZ, 2012, p. 60).

Os quadros retirados do Salão foram expostos no saguão da Biblioteca Pública. Essa pequena exposição dos “revoltosos” ficou então conhecida como a dos pré-julgados e fez mais sucesso que o Salão oficial. Entre os artistas insatisfeitos, além de Paul Garfunkel, seguiram-no os pintores “[...] Alcy Xavier, Loio Pérsio, Ennio Marques Ferreira, Nilo Previdi, Fernando Velloso e Thomaz Wartelsteiner”. (*JORNAL O ESTADO DO PARANÁ* apud VASQUEZ, 2012, p. 62). Alguns destes envolvidos diretamente nos centros propagadores de arte moderna, como a “Garaginha”, o Centro de Gravura e a Galeria Cocaco, citados anteriormente.

Houve grande repercussão dos desdobramentos desse XIV Salão Paranaense, principalmente nos jornais, que divulgaram vários textos sobre o “incidente”. Vale registrar como exemplo, um pequeno trecho de um texto do pintor Loio Pérsio, intitulado *O XIV Salão Paranaense de Belas Artes ou a burrice oficializada*, que foi veiculado no jornal *O Estado do*

Paraná e registrado por Vasquez (2012)

Este XIV Salão Paranaense de Belas Artes, anulou, por completo, todos os esforços dispendidos pelos artistas e críticos conscientes nos Salões anteriores. Assaltado por uma quadrilha de velhos imbecis, que fizeram da pintura um remédio para as suas enxaquecas e um artifício a mais para obter dinheiro fácil, não representa, em absoluto, a arte paranaense. É um Salão de antiquários e, como se não bastasse, de antiquários desonestos. Jamais entenderam e jamais entenderão, esses fósseis, o que seja arte [...]. (JORNAL O ESTADO DO PARANÁ apud VASQUEZ, 2012, p. 61).

Como se vê a crítica dirigida aos jurados é dura, mas refletia o pensamento de muitos artistas plásticos, que ansiavam por mudanças no rumo pintura paranaense. É interessante observar que o mesmo Garfunkel que dirigiu crítica exasperada no XIV Salão de Artes do Paraná, em 1957, quatro anos mais tarde se aliaria aos “conservadores”. Ocorre que o XVIII Salão Paranaense de Artes, realizado no ano de 1961, foi mais uma vez palco de embate entre figurativos e “modernos”, com o diferencial que desta vez os “modernos” eram representados eminentemente pela pintura abstrata. Nessa circunstância Garfunkel se posicionou contrário a esta arte que invadia os Salões e o espaço da pintura paranaense.

O pintor defendia a arte moderna, combatendo o academicismo clássico, mas, por outro lado, não coadunava com os preceitos da pintura abstrata, a qual, segundo Vasquez (2012), o referido autor denominou de “arte decorativa”. Estes discursos divergentes de Garfunkel podem levar a polemizar e problematizar a própria caracterização do conceito de moderno e do moderno em arte, e o modo de como esta conceituação vai se modificando com o tempo.

Voltando a Garfunkel e a seu discurso em 1961, pregando a defesa da arte moderna, mas irrisoriamente a negação da arte abstrata, o pintor publica no jornal *O Estado do Paraná* de dezembro de 1961, carta endereçada ao amigo Ennio Marques Ferreira. Intitulada *Piedade para os jovens pintores*, a carta externa seu descontentamento com o ideal do Salão Paranaense de Belas Artes daquele ano.

Meu amigo Ennio, temos combatido juntos o academismo clássico, mas não o fizemos para virmos cair nesse excesso contrário. Os artistas deveriam ter sido avisados que o XVIII Salão PBA seria reservado à arte dita moderna, isto é, seria um Salão de Arte Decorativa. Isso teria evitado a muitos pintores de valor o desgosto de se verem recusados [...] Senhores membros do júri, medalhas são coisa séria. Deve-se ter em conta não só a qualidade do trabalho premiado, mas também o conjunto da obra do artista. Qual será no futuro o estímulo desses jovens pintores que, nem saídos da Escola, já se veem promovidos ao marechalato, considerados que são como gênios... Piedade, senhores críticos, piedade para eles e para

os que se recusam a afundar num modernismo que de moderno só tem o nome! (JORNAL O ESTADO DO PARANÁ apud VASQUEZ, 2012, p. 64).

Pode-se dizer, pela posição crítica de Garfunkel, que ele estava no entremeio entre os acadêmicos clássicos (os figurativos) e os modernos mais atualizados à época, que desenvolviam uma pintura abstrata. Nesse rol poder-se-ia colocar também Miguel Bakun, artista que praticou uma pintura considerada moderna, a qual não era de um figurativismo mais clássico e não chegava a ser abstração.

Bakun foi, a seu modo, um revolucionário na pintura do Paraná. Os modernos pregavam a mudança de orientação acadêmica das artes plásticas, mas os líderes, ou grupo de pessoas a frente de tal empreitada se aliavam, constituindo-se em grupo coeso para ter a força pela busca de mudanças. Bakun, desde seu surgimento no cenário das artes plásticas do Paraná, nos anos 30 do século XX, passando pelas décadas de 40 e 50, onde teve uma produção razoável e não estava atrelado a nenhuma tendência ou grupo, apesar de estar sempre em contato com outros artistas e circular pelos espaços das artes plásticas da capital, como os Salões, exposições e ateliês de pintura.

Quando Garfunkel, em 1961, se revoltou contra a instalação e predomínio no XVIII Salão Paranaense de Belas Artes de pinturas abstratas, acabou dirigindo também carta aberta a Bakun, fazendo críticas às preferências dos jurados do Salão pelos quadros de tendência abstracionista e solicitando que o mesmo não participasse do referido,

Neste XVIII Salão Paranaense, aliás, neste primeiro Salão Paranaense de Arte Decorativa, que ficará famoso nos anais da vida cultural de Curitiba pela mediocridade, pela indigência dos trabalhos expostos, seguramente no que diz respeito à seção de pintura, Você, Bakun e eu tivemos a honra de ver nossos quadros jogados às urtigas pelo eminente júri de seleção (?). É bem verdade que o nosso amigo Ennio, um tanto chocado com o tratamento dispensado a velhos pintores “chevrons”, lançou mão de um artigo do novo regulamento para nos poupar da humilhação de sermos inteiramente recusados, e mandou admitir, contra a opinião dos juízes, um trabalho de cada um de nós. Permita-me oferecer-te a hospitalidade para o teu quadro, que julgo excelente, na sala onde estou expondo uma pintura evidentemente “superada”. Creio que se sentirá mais à vontade nessa atmosfera de arte antiquada! [...]. (JORNAL O ESTADO DO PARANÁ apud VASQUEZ, 2012, p. 65).

Ao mesmo tempo que conclamou a Bakun para que retirasse o quadro exposto no Salão, na sequência da carta Garfunkel elogia o pintor eslavo-brasileiro pelo seu trabalho de pintura

[...] Mas, entre nós, posso te dizer que, enquanto os artesãos da arte (?) moderna terão, quase todos, caído num merecido esquecimento, teu nome ficará na história da arte paranaense, o nome de um dos poucos artistas verdadeiros da província do Paraná, pintor honesto e sincero, que sempre pintou com todo seu coração, dando de tudo a si a sua arte sem ajoelhar-se aos pés dos Deuses passageiros. (JORNAL O ESTADO DO PARANÁ apud VASQUEZ, 2012, p. 65).

Em seu discurso revoltoso no jornal, Garfunkel rende homenagens a Bakun, não se sabe se com a sinceridade de um admirador verdadeiro ou com a intenção de apenas instigá-lo a não participar do XVIII Salão Paranaense de Belas Artes. O fato é que Bakun se tornaria reconhecido verdadeiramente pela arte que praticou, como antecipou Garfunkel, somente após a sua morte em 1963. Após o trágico fato de seu suicídio, a obra bakuniana passou a ser melhor compreendida e mais valorizada. As homenagens póstumas vieram e cresceu a importância do pintor no cenário artístico de Curitiba e do Paraná, inclusive com a valorização surpreendente de suas telas, que chegaram a ser falsificadas.

ORIGENS DE HELENA KOLODY E DE MIGUEL BAKUN

Helena Kolody e Miguel Bakun, frutos da imigração ucraniana assentada no Paraná, envergaram seus esforços na prática da atividade artística, área em que muito contribuíram, pelo caráter modernista e teor de modernidade que a construíram. Nasceram no interior paranaense e parcela dessa condição de origem está inscrita e transparece nos poemas de Kolody e nas telas de Bakun. Produziram as respectivas artes na capital do estado, Curitiba, cidade na qual se enveredaram pelos arredores, construindo imagens periféricas, aludindo ao interior, em uma época em que Curitiba ainda não tinha um desenvolvimento urbano massivo. Explorando as beiradas, descobriram e desvelaram as coisas simples, despercebidas de muitos transeuntes. Assim verifica-se em ambas produções as flores, os pássaros, os caminhos, as árvores, em consoante harmonia com a figura humana, sempre presente.

Helena Kolody nasceu em Cruz Machado/PR, no dia 12 de outubro de 1912, filha de ucranianos, sendo seus pais Miguel e Vitória Kolody. A poeta foi a primogênita de quatro irmãos: José Kolody, que era engenheiro civil e duas irmãs, que como Helena eram professoras; Rosa e Olga. A respeito de sua família Kolody comenta:

Miguel Kolody, meu pai, nasceu na parte da Ucrânia chamada Galícia

Oriental, em 1881. Tendo perdido o pai na grande epidemia de cólera que assolou a Ucrânia em 1893, Miguel, no ano seguinte emigrou para o Brasil com a mãe e os irmãos. Mãe, cujo nome de solteira era Victória Szandrowska, também nasceu na Galícia Oriental, em 1892. Veio para o Brasil em 1911. Vovô radicou-se em Cruz Machado, onde papai trabalhava. “Seu” Miguel conheceu a jovem Victória e apaixonou-se por ela. Casaram-se em janeiro de 1912. Estava escrito o primeiro capítulo de minha história. (KOLODY, 1997, p. 11).

Passou a infância em Três Barras/SC, em meio à natureza, o que marcaria a sua obra posteriormente. “Minha infância transcorreu no interior em meio à natureza: rios, árvores, flores, vento, chuva e animais.” (KOLODY, 1997, p. 12). Na cidade de Rio Negro/PR foi alfabetizada por uma tia e concluiu o ensino primário em 1922.

Uma tia de Rio Negro, Rosa Kolody Procopiak, foi quem me alfabetizou. Li rápido. Escrever, nem tanto. Era canhota e naquele tempo isso era um “capricho”. Obrigaram-me a utilizar a mão direita para escrever. Faço todo o resto com a esquerda. (KOLODY, 1997, p. 12).

De 1923 a 1924 estudou em Curitiba. Regressou à Mafra em 1924, onde escreveu seus primeiros versos. Em 1927 mudou-se com a família para a capital, onde cursou a Escola Normal Secundária e passou a publicar seus poemas em jornais e revistas. “A lágrima” foi seu primeiro poema publicado; apareceu na revista *O garoto* em 1928.

A lágrima

Oh! Lágrima cristalina
Tão salgada e pequenina,
Quanta dor tu não redimes!
Mesmo feita de amargura,
És tão sublime, tão pura
Que só virtudes exprimes

Ao coração torturado,
pela saudade magoado
pelo destino cruel
Tu és pérola linda
do rosário que não finda,
Feita de tortura e fel
(KOLODY: In CRUZ, 2012, p. 260).

Helena Kolody foi professora e inspetora de ensino no estado do Paraná. Atuou em Curitiba, Rio Negro, Ponta Grossa e Jacarezinho. Em Rio Negro trabalhou em 1932, como professora do Grupo Escolar Barão de Antonina; em 1933 foi designada para atuar na Escola

Normal, na cidade de Ponta Grossa. Já em Curitiba trabalhou por 23 anos, sendo transferida para a capital em 1937. Desse tempo, atuou em Jacarezinho por um ano, em 1944. Como inspetora de ensino foi nomeada em 1950 e aposentou-se em 1967.

Como poeta, Helena Kolody teve inúmeras obras publicadas: *Paisagem Interior* (1941); *Música Submersa* (1945); *A Sombra do rio* (1951); *Trilogia*, separata de *Um século de poesia* (1959); *Poesias completas* (1962); *Vida Breve* (1964); *20 poemas* (1965); *Era espacial e Trilha sonora* (1966); *Antologia poética* (1967); *Tempo* (1970); *Correntexa* (1977); *Infinito presente* (1980); *Poesias escolhidas* (1983); *Sempre palavra* (1985); *Poesia mínima* (1986); *Viagem no espelho* (1988); *Ontem, agora* (1991); *Reika* (1993); *Caixinha de música* (1996); *Luz infinita* (1997). Alguns desses títulos foram reeditados, por exemplo, a obra *Viagem no espelho* de 1988. *Luz infinita* (1997) e *Poesias escolhidas* (1983) foram traduzidas para a língua ucraniana.

Recebeu títulos honorários, homenagens, prêmios e diplomas. Entre tantos se pode citar: *Diploma de Mérito Literário*, conferido pela prefeitura municipal de Curitiba (1985); título de Cidadão honorária de Curitiba (1987); título de Cidadã Benemérita do estado do Paraná e Cidadã Benemérita de Cruz Machado (1997); título de Vulto Emérito de Curitiba (1999); *Medalha Rocha Pombo*, concedida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (2000); título de *Doutor Honoris Causa*, concedido pela Universidade Federal do Paraná (2003).

Foi eleita para a Academia Paranaense de Letras em 1991. Sua obra também foi explorada acadêmica e artisticamente. Foi teatralizada: *Helena, uma mulher* (1990); *Encontros* (2002). Foi ainda tema de um curta metragem, *Babel de Luz*, de Sylvio Back, em comemoração aos 80 anos da poeta (1992). Teve muitas poesias musicadas e sua vida e obra rendeu um documentário, *Helena de Curitiba*, de Josina Melo (2005). Em 2011, Helena Kolody recebe, *in memoriam*, a condecoração póstuma *Ordem do Mérito Cultural*, do Ministério da Cultura.

Além de despertar a atenção de estudiosos e professores⁵, a obra kolodyana conquistou alcance nacional e mesmo internacional. Além disso, o nome da poeta nomeia ainda inúmeros estabelecimentos escolares, bibliotecas e ruas no estado do Paraná, além de um grupo de dança folclórica ucraniana da cidade de Cruz Machado/PR. Nota-se, dessa maneira, a representatividade da poeta no âmbito do cenário literário paranaense e brasileiro.

Também de descendência eslava o pintor Miguel Bakun teve uma trajetória de mudanças. Assim como Kolody nasceu no interior do estado do Paraná e acabou, por razão

⁵ No âmbito acadêmico, a obra de Kolody foi tema de dissertações e teses, entre as quais se pode citar, entre outras, a tese *O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody*, de Antonio Donizeti da Cruz, (UFRGS, 2011) e a dissertação *Helena Kolody uma voz imigrante na poesia paranaense*, de Marly Catarina Soares, (UNICAMP, 1997).

da profissão do pai que era ferroviário, residindo em mais de uma cidade, como Sorocaba (SP) e Ponta Grossa. Acabou por se fixar definitivamente em Curitiba, onde atuou como fotógrafo ambulante e desenvolveu toda sua atividade de artista plástico.

Miguel Bakun nasceu no dia 28 de outubro de 1909 na cidade de Mallet. Filho de ucranianos, Pedro Bakun e Juliana Maksymowicz. Bakun tinha sete irmãos: Nicolau, Valdomiro, Antonio, Leni, Leonardo, Irene e Marina. O ofício de ferroviário do pai obrigou-o a mudar-se para Sorocaba/SP, depois para Ponta Grossa onde o adolescente Bakun trabalhou como auxiliar de alfaiate. Aos 17 anos o pai alista-o como aprendiz da Marinha em Paranaguá. Depois de egresso, devido a um surto de peste bubônica muda-se para o Rio de Janeiro, na Escola de grumetes da Marinha. Como marinheiro conhece Pancetti, que posteriormente seria reconhecido por pintar marinhas. Com Pancetti, Bakun toma gosto pela pintura e é de certa maneira influenciado por ele. Na sua posterior arte da pintura, o pintor eslavo irá executar algumas pinturas sobre o mar, navios, praias, cais.

Teve uma trajetória de vida intranquila: a morte da primeira namorada por um raio; o alistamento, a contragosto na marinha, o acidente no mastro do navio que o acometeu, a preocupação com os irmãos e com a situação financeira da família, os julgamentos de seu comportamento e de sua pessoa, foram episódios que certamente tiveram marcas profundas na vida do homem Bakun. Newton Stadler de Souza comenta acerca de algumas angústias do jovem Bakun, mesmo antes de ele tornar-se o emblemático pintor.

[...] alistado pelo pai na Escola de Aprendizes de Marinheiro, atormentado pelas agruras de ver o peso paterno, com mulher e oito filhos para sustentar, decide-se. A 30 de janeiro de 1926, sem vocação para as coisas do mar que não conhece, angustiado pela primeira separação do lar, chega a Paranaguá. O trem, a serra, o mar, os uniformes, os novos amigos, o rompimento de hábitos patriarcais com raízes eslavas, no aprendizado coletivo da marinhagem, tudo marca o marinheiro recém contratado. (SOUZA, 1984, p. 48).

O primeiro contato com Pancetti também se deu sob circunstâncias adversas. Bakun conheceu-o quando se apresentou doente ao Quartel Central de Willegagnon e foi encaminhado ao sanatório naval de Nova Friburgo (RJ). A partir de então Bakun desgasta-se emocionalmente. Envolve-se em diversos episódios de brigas com colegas marinheiros. É internado algumas vezes no hospital da Marinha até que sofre um acidente, a queda do mastro de um navio durante um exercício militar, fato que o leva à saída definitiva da vida de marinheiro.

Souza (1984) relata o diagnóstico médico, bem como a data da saída de Bakun da Marinha e ainda a frustração do pintor, que de certa forma a esta altura já se acostumara com a vida no mar. De acordo com o autor,

A 30 de janeiro de 1930, obtém baixa do serviço militar por incapacidade física, com a pomposa “Radiculite do plexo bracheal direito”, desligando-se em definitivo a 1º de fevereiro do mesmo ano. Bakun fraqueja. Acostumara-se com a Marinha [...]. (SOUZA, 1984, p. 51).

Passou a receber uma modesta pensão mensal em razão de seu acidente e consequente parcial incapacidade física. Já em Curitiba, incapacitado de realizar serviços pesados, Bakun atuou como fotógrafo para complementar sua aposentadoria, no entanto, sem muito jeito para a profissão. Animado pelo italiano Guido Viaro começou a pintar, inicialmente letreiros e tabuletas. Casou-se com Teresa Veneri, em 1938, quem muito o ajudou e incentivou no trabalho com a pintura.

Em 1940, desgostoso com a vida financeira embarca novamente ao Rio de Janeiro, desta vez para tentar a carreira de pintor, no entanto, sem sucesso na investida e com saudades da esposa, dos familiares e amigos retorna à Curitiba. Nessa década de 1940, segundo Lourenço (2012), Bakun ajunta-se ao ateliê coletivo situado em um edifício localizado entre a praça Tiradentes e a praça Generoso Marques. Tal ateliê, cedido pela prefeitura abrigava ainda outros artistas, como Loio Pérsio, Alcy Xavier, Esmeraldo Blasi e Marcel Leite. Neste espaço de contato com outros pintores Bakun pode ampliar um pouco seus parcos conhecimentos teóricos de pintura. É uma década de intensa criação e algumas conquistas importantes para o artista.

O decênio 1940-50 lhe sorri; Bakun diz, muitas vezes, que a década de quarenta foi iniciada com o pé direito. Timidamente a princípio, com sucessivas vitórias, a partir de 1946. Em setembro de 1947, de fatiota nova, está entre os expositores do I Salão do Clube Concórdia, onde obtém medalha de ouro. Três meses mais tarde, recebe premiação em dinheiro, no IV Salão Paranaense de Belas Artes. (SOUZA, 1984, p. 34).

Em 1950 faz pinturas murais na residência do então governador do estado Moysés Lupion. Nesses murais estão presentes paisagens, lago com pinheiro, entre outros diversos temas. Como se vê as décadas de 40 e 50 do século XX foram promissoras para Bakun começa a expor e participar de diversos salões de artes plásticas abertos no Paraná, conseguindo expressivas e importantes premiações. Dentre os prêmios conquistados pelo pintor nos salões destacam-se: Medalha de ouro no I Salão Oficial do Clube Concórdia

(1947); prêmio em dinheiro no IV Salão Paranaense de Belas Artes (1947); Menção Honrosa no V Salão Paranaense de Belas Artes (1948); Medalha de prata no V Salão Paranaense de Belas Artes (1950); Menção honrosa no V Salão Oficial do Clube Concórdia (1952); Medalha de bronze no VI Salão Oficial do Clube Concórdia (1953); Menção honrosa no IX Salão Oficial do Clube Concórdia (1956); Prêmio de Aquisição no XII Salão Oficial do Clube Concórdia (1960); Medalha de Prata no XIII Salão Oficial do Clube Concórdia (1961); Prêmio de Aquisição no XIX Salão Paranaense de Belas Artes (1962).

No final da década de 50 e na década de 60 a tendência abstracionista começa a tomar conta dos Salões paranaenses, deixando os pintores de tendência mais figurativa, outrora modernos, como Bakun, em segundo plano. O insucesso no último Salão Paranaense do qual Miguel Bakun expôs algumas pinturas, o XIX Salão Paranaense de Belas Artes de 1962, ocasião em que recebeu como premiação um modesto estojo de pintura foi de grande impacto para o artista Bakun e pode ter contribuído à soma de outros fatores para que o incompreendido artista, com 53, anos, depressivo, se suicidasse, em seu ateliê em 14 de fevereiro de 1963.

Incompreendido em vida, teve sua obra mais julgada por conta de sua deficiência física, do seu jeito acanhado, trajas e comportamentos do que por seu autodidatismo. Depois da morte prematura sua obra passou a ser vista sob outro prisma e descortinou-se o artista talentoso que foi Miguel Bakun e que figura hoje, entre os grandes pintores que o século XX produziu no Paraná.

A exemplo de Kolody, cuja obra poética rendeu trabalhos diversos na área de Letras, a pintura bakuniana também foi tema de estudos acadêmicos nas áreas de Artes e de História. A pesquisadora e artista plástica Eliane Prolik, por exemplo, defendeu em 2000, no curso de Pós-Graduação em História da Arte, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) a monografia intitulada *Miguel Bakun: a natureza do destino*, a qual transformou-se em livro de título homônimo em 2009.

Katyúcia Périgo também realizou trabalho sobre a obra de Miguel Bakun. A autora defendeu a dissertação *Ser vivo é estar morto: Miguel Bakun e o meio artístico paranaense (1940-1960)*, no programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2003. O artista eslavo-brasileiro está também presente na tese de doutorado em História da mesma autora, cujo título é *Circuitos da arte: a rua XV de Curitiba no fluxo artístico brasileiro (1940-60)*, defendida em 2008 na UFPR. Bakun aparece ainda na dissertação de Clediane Lourenço. O referido trabalho, cujo título é *Pelas dobras da cidade: Curitiba e seus*

artistas foi defendido no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 2012.

Muitos anos antes, em 1974 o nome do pintor Bakun já aparecia em trabalho de tese (livre-docência), da professora e artista plástica Adalice Araújo, defendida na UFPR com o título *A arte paranaense moderna e contemporânea: em questão 3000 anos de arte paranaense*. Além dos trabalhos citados a obra bakuniana foi registrada por meio de textos críticos e artigos em revistas e periódicos, também em catálogos e jornais.

Depois da morte de Bakun em 1963, foram inaugurados alguns espaços e organizadas várias exposições para homenagear o artista, bem como a produzidos dois filmes e uma peça teatral sobre a vida e obra dele. Destacam-se entre as ações feitas em homenagem a Bakun, segundo dados retirados de Prolik (2009) o filme *Autorretrato de Bakun*, produzido em 1984, com direção de Sílvio Back, colaboração de Nelson Padrella e em co-produção da Secretaria de Cultura do Estado e apoio da Fundação Cultural de Curitiba e também *Miguel Bakun 25 anos depois*, de 1989, que foi dirigido por Heloísa Passos e Lucila Bruetto. Estas ações, entre outras, contribuíram para com a disseminação da obra bakuniana.

Helena Kolody também teve sua obra poética bastante divulgada no estado, principalmente pelas suas alunas; e também para além das fronteiras do Paraná, principalmente por Paulo Leminski, também poeta e admirador da obra kolodyana. A poeta, ao contrário de Bakun não faleceu prematuramente, viveu muitos anos e sua obra disseminou-se de tal forma que ela tornou-se talvez a maior e a mais conhecida poeta paranaense do século XX. Kolody faleceu em Curitiba, no dia 14 de fevereiro de 2004.

Kolody e Bakun, naturais do interior paranaense foram modernos no modo de desenvolver poemas e pinturas. A poeta desenvolveu o haicai, a poesia enxuta, calcada no cotidiano, priorizando os versos curtos. O pintor inovou a pintura paranaense pelo seu autodidatismo, sua ingenuidade nos preceitos da pintura, que o tornaram diferenciado nas artes plásticas do Paraná. Nelson Padrella diz: “É preciso que todos saibam: Curitiba teve só um pintor: Miguel Bakun. O resto era tudo artista.” (PADRELLA, 1984, p. 11). Foi o pintor da natureza dos arredores de Curitiba justamente pela sua deficiência técnica, deficiência esta que, se por um lado dava à sua pintura um realce ingênuo, por outro, contrariamente, dava-lhe um *status* de moderno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço paranaense das primeiras décadas do século XX no que concerne às artes literária e pictórica, vinha se desenvolvendo de modo ainda tímido, apesar de ter, por exemplo, o simbolismo que deixou o estado em contato com os demais centros artísticos e literários do país, especialmente o eixo Rio-São Paulo. Nas décadas de 30 e 40 do século XX surgem no Paraná alguns artistas que foram modernistas, ainda que de forma não engajada. Este é o caso da poeta Helena Kolody e do artista plástico Miguel Bakun, de modo que trazê-los, bem como as suas obras para discussão no âmbito acadêmico é interessante para ressaltar que o movimento modernista brasileiro eclodiu pelo país todo e fez surgir escritores, poetas, pintores, artistas, em geral de Norte a Sul do Brasil, muitos ainda serem estudados detalhadamente, outros ainda a serem descobertos.

Deve-se salientar as origens de Kolody e Bakun, o contexto eslavo do interior paranaense. Nascidos no seio da cultura ucraniana, filhos de imigrantes que vieram ao Brasil em fins do século XIX e início do século XX, o que corrobora a ideia de que os imigrantes europeus que desembarcaram em terras brasileiras neste período contribuíram para com a cultura do país, bem como em outras áreas, como a artística, e isto não só em se tratando do Paraná, mas de Brasil como um todo.

Por fim, foram apontados alguns trabalhos acadêmicos já realizados acerca dos dois artistas citados, acarretando uma nova visada em se tratando de estudos literários, pois muitos pesquisadores e estudiosos têm se debruçado sobre autores e obras pouco conhecidas, não desconsiderando as obras canônicas e os estudos sobre elas já produzidos, mas colocando-as em diálogo com as novas descobertas, afinal, o sistema da literatura e das artes não se perfaz de autores seletos, sempre há um conjunto grandioso de autores que fazem literatura e arte. Quanto à qualidade destas resta à posteridade crítica descobrir e explorar. Em relação à Kolody e Bakun, a qualidade é inconteste. O pintor está entre os pintores mais importantes do Paraná do século XX e a poeta é conhecida nacionalmente pelos seus poemas sintéticos.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Artur. A consolidação do moderno na história da arte do Paraná: anos 50 e 60. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, PR, v.8, n. 2, p. 87-124 Inverno de 2003.

KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida**. Tereza Hatue de Rezende (Org.). Curitiba: Letraviva, 1997.

PADRELLA, Nelson N. o outro retrato de Bakun. In: **O Auto-retrato de Bakun** (média metragem), pesquisa e roteiro com Nelson Padrella; direção. Produção Sílvia Back e Secretaria de Cultura e do Esporte do Paraná; apoio Fundação Cultural de Curitiba e EMBRAFILME. Curitiba, 1984. p. 9-11.

PÉRIGO, Katiucyia. **Ser visto é estar morto: Miguel Bakun e o meio artístico paranaense**. (1940- 1960). 2003. 128 f. Dissertação. (Mestrado em História) Setor de ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2003.

PINTORES da Paisagem Paranaense. Edição fac similar. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: Solar do Rosário, 2005.

PROLIK, Eliane (org.). **Miguel Bakun: a natureza do destino**. Textos de Eliane Prolik, Ronaldo Brito, Artur Freitas e Nelson Luz. Curitiba: Edição do autor, 2009. (p. 72).

SOUZA, Newton Stadler de. **Bakun**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1984.

TEAR de palavras: poemas inéditos e reunidos. Antonio Donizeti da Cruz (Org.). In: CRUZ, Antonio Donizeti. **O universo e o fazer poético de Helena Kolody**. Cascavel/PR: EDUNIOESTE, 2012. (p. 254 – 373).

VASQUEZ, Ana Lúcia de L. P. **O Salão Paranaense e o campo artístico de Curitiba**. 2012. 167 f. Tese. (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2012.

ZOMER, Lorena. Centro de Letras do Paraná e a atuação intelectual de Leonor Castellano. **Revista TEL, Tempo, Espaço e Linguagem**. Ponta Grossa, PR, v. 4, n. 2, p. 46–66, mai./ago. 2013.